

“I Seminário Nacional de Trabalho e Gênero”  
Sessão Temática: Trabalho, gênero e Educação.

Formação Profissional para Mulheres. Uma experiência de Munique na Alemanha:  
O “tornar-se mulher do trabalho”.

Ricardo Sapia Campos<sup>1</sup>

*(...) Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou(...)* Timóteo: 02, 09, 14.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da UNESP – Campus de Araraquara. Bolsista financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo.

**RESUMO:** O texto parte de uma experiência de pesquisa que realizamos em Munique na Alemanha no ano de 2003, sobre cursos de formação profissional para mulheres em nível universitário. O recorte de pesquisa sobre a qualificação profissional voltada para mulheres permite apresentar uma característica marcante, e que apontamos como central dentro da recomposição social e econômica que aqui chamamos de “feminilização do trabalho”. Os argumentos seguem no sentido de demonstrar que o potencial de subjetividade e sensibilidade típicos do mundo feminino e descartados pela sociedade industrial surgem como das principais forças produtivas com a crise da sociedade industrial. Daí, falamos neste “trabalho que se torna mulher”. Buscamos apontar que existe uma tendência crescente, inclusive valorizada pelo mercado, na busca do trabalho de tipo feminino; E que este trabalho cada vez mais é apropriado pelo comando e sujeito á toda sorte de exploração. Todavia, apontamos que a própria natureza de tal “feminilização”, obsta o controle como nos tempos da sociedade industrial. O recorte de gênero tem o condão de demonstrar como de fato houve uma criação e re-criação de cultura distinta, em que a sensibilidade feminina que não era valorizada pelo mercado, passa a ser a principal força produtiva com a crise do velho modelo.

**PALAVRAS CHAVE:** trabalho, qualificação profissional e reestruturação produtiva.

### Introdução

Nada melhor para entendermos este fenômeno á que chamamos de “feminilização do trabalho”, que dentro do contexto histórico entender o seu oposto, que aqui por conveniência chamamos de “masculinização do trabalho”. A imagem de homens másculos e fortes saindo ou entrando, obedientes ao apito da fábrica, é típica de tal masculinização; Por outro lado a sensibilidade velada e identificada com o feminino, cantada e pintada aos quatro cantos, quer na figura da mãe ou da amante, sugere a feminilização de que passamos a tratar.

Este feminino aparece no texto como resistência ao poder de masculinização típico da sociedade industrial; Ele é a sensibilidade produtora de afeto, e que fora descartado pela sociedade industrial. Cultura produzida e reproduzida no ambiente doméstico quando os homens saíam para o trabalho. Evidentemente que é a condição de supérfluo, descarte, “coisa menor” que permitiu a produção e reprodução de uma sensibilidade que agora passa a ser valorizada, e até apropriada pelo mercado.

A feminilização aqui tratada é incondicional, imanente aos trabalhadores em geral, ainda que num primeiro momento a identificamos com a figura histórica da mulher. Com o tempo, tal sensibilidade passa cada vez mais a ser apropriada pelo mercado de trabalho, uma vez que a própria economia, ou o mercado, passa a se nutrir deste tipo de trabalho; Todavia, sustentamos que por definição este tipo de trabalho não permite ou possibilita o controle e a exploração típicos

da sociedade industrial. Ou para adiantarmos um pouco os argumentos que se seguirão no texto, formam um quadro interessante em que a exploração passa a operar nos níveis da vida. Ocorre que se por um lado àqueles postos de trabalho sujeitos ao assalariamento e ao controle acabam levando à exploração; Por outro lado este fenômeno da feminilização permite o rompimento com o controle uma vez que se assenta na fluidez imaterial da sensibilidade e do afeto.

Apontamos as sociedades rurais ou camponesas como locais em que esta separação entre um trabalho masculino e outro feminino sempre foram mais difusas, ou nunca se realizaram de fato, se comparadas com as sociedades industriais. Utilizamos de dados e resultados de pesquisa que realizamos junto a uma agência de formação profissional da cidade de Munique na Alemanha.

### **Munique entre o Global e o Local**

Munique, conforme se costuma lembrar, esta situada no centro da Europa. Capital da Bavária e do sul do Alemanha tem uma população aproximada de 1.3 milhões de habitantes, lembrando que a Baviera conta com 3.7 milhões de habitantes. É conhecida dentro da Alemanha, e até mesmo na Europa, como sendo a capital do conhecimento. Dois parecem os principais eixos sobre os quais muitos pesquisadores alemães se apóiam para discorrer sobre o tema do desenvolvimento local na cidade de Munique.

Um primeiro deles, parece privilegiar a posição geográfica de Munique. Costuma-se dizer que Munique fica no “coração da Europa”, levando ao entendimento de órgão central e pulsante; Um outro fator parece privilegiar a comunhão (ou interação) de aspectos e características, que concentradas no âmbito do território e deste, inter-relacionada com o circuito da globalização, acabam dando a tônica do desenvolvimento.

Estes fatores não se excluem, ou pelo menos não necessariamente. O que ocorre é que o primeiro acaba enfatizando o fator da localização geográfica, uma vez que muitas vezes o segundo, não necessariamente atribui peso a esta característica. Entendemos que dentro deste novo contexto que comumente convencionamos chamar de globalização, a localização, a cristalização territorial e a formação de identidade local privilegiam fatores de subjetividade, que apesar de não excluïrem, ou até não contrariarem, não se resumem à questão do local como espaço físico. A comunicação e a fluidez dos fluxos em rede permite que o local seja definido por identidades que estão localmente distante, apesar destes elementos não serem colocados como antagônicos, e de muitas vezes o espaço favorecer a própria comunicação.

Sendo assim, preferimos trabalhar o conceito de desenvolvimento local, priorizando o entendimento, segundo o qual, a comunhão de fatores interativos, cristalizados num determinado território, e sua capacidade de inserção no circuito global, é que acabam dando a tônica do desenvolvimento. Neste caso, a localização geográfica apenas corrobora, não sendo central, e menos ainda determinante.

Pensamos que estas colocações se fazem necessárias na medida em que admitimos que cada vez mais o conhecimento, como aponta Gorz (2003) aparece como sendo a principal força produtiva; Também, que este conhecimento é fruto da cooperação interativa que se desenvolve no circuito comunicativo aberto.

Munique, e mais propriamente a Baviera no sul da Alemanha são apontadas como exemplos mundo de desenvolvimento local que privilegia o conhecimento e a comunicação como sendo os principais fatores do que aqui entendemos como nova economia. Neste sentido a criação de conhecimento é favorecida na forma de políticas públicas como a qualificação profissional, por exemplo; Também se redefine neste sentido as dimensões do público e do privado. Investimentos privados se revertem em fins públicos, e vice versa. O melhor exemplo é o caso dos museus.

Os museus da cidade de Munique foram apresentados na nossa pesquisa como sendo dos únicos dentro da Alemanha que “dão lucro”. Ao contrário das outras cidades do país em que cada vez mais os museus ou são mantidos com dinheiro público, ou então fecham as portas, em Munique tem aumentado o número de museus. Este fato é atribuído aos investimentos privados no setor que fazem destes lugares ambientes interativos e lucrativos<sup>2</sup>. Os museus são apresentados como locais privilegiados de difusão do conhecimento, dentre os quais destaca-se um dos mais importantes da Europa o *Deutchalan Museum*<sup>3</sup>.

Quando então pensamos o conhecimento como fator central da nova sociedade, e ainda, considerando que a maioria, não apenas numérica, mas qualitativa dos postos de trabalho que estão surgindo dependem fundamentalmente deste fator, é necessário pensar a formação profissional dentro desta relação.

### **Da Gründer Regio – Agencia de Formação Profissional de Mulheres**

Sabemos que o tema da qualificação profissional, e falamos mais propriamente das últimas décadas do século passado, sempre esteve aliada a política de estado. Pensar a qualificação profissional neste sentido era pensar a reprodução de um padrão societário que entre diferenças e percalços faz sempre com que o estado acabe reproduzindo interesses econômicos dominantes. A experiência estudada contempla esta relação em movimento inverso, ou seja, dos agentes criativos e produtivos para o mercado, e não do mercado e do poder de regulação estatal para os agentes produtivos.

Trata-se de projeto de “Formação Profissional para Mulheres com Grau Universitário”. Este projeto, mantido dentro da rede de incubadoras de projetos e centro de motivação, busca atender as necessidades de mulheres com grau universitário e que acabaram de criar seus filhos.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> - A condição de figurarem como espaços privilegiados de conhecimento, e sendo o conhecimento dos principais atributos da nova sociedade, retira os museus da condição de subalternidade, ou da comumente conhecida no Brasil condição de espaço de coisas velhas ou de mera cultura do entretenimento.

<sup>3</sup> - Ao que podemos identificar na pesquisa a maioria dos museus em Munique são gratuitos nos finais de semana. Excessões existem como do Museu Alemão que cobra taxas reduzidas aos sábados e domingos, ou então museus menores e de interesses mais restritos e específicos como o “Museu Alpino” que não faz esta diferenciação.

<sup>4</sup> - Este “acabaram de criar seus filhos” deve ser entendido dentro do contexto alemão e de suas necessidades e cultura. Segundo informações fornecidas diretamente pela responsável pelo projeto, o diferencial de grau universitário, serve como parâmetro de cursos de alta qualificação. Arte, escultura, musica etc. Não e um regulador absoluto, ou seja, muita das mulheres que participam não tem o “diploma”: grau universitário. Porém, têm condições e capacidade intelectual capaz não só de acompanhar, mas de trazer idéias e inovações para o contexto do desenvolvimento dos trabalhos. Então não e o diploma formalmente assinado que conta, mas a capacidade que se pressupõe existir com o nível universitário. Quanto a acabar de criar os filhos, significa ter filhos entre idades de

Um dos objetivos centrais do projeto é aumentar o número de mulheres da região da Baviera na participação das empresas. (criação de empresas na verdade). No ano de 2003, por exemplo, houve a participação de uma média de mil mulheres, sendo que o projeto é financiado e mantido com recursos do Ministério de Ciências e Pesquisa e também pela Comunidade Européia.

Sobre este tema existe um certo consenso, senão uma aceitação mais ampla de que as habilidades femininas desenvolvidas durante séculos, e sufocadas e desprezadas pela organização do trabalho industrial, passam a serem valorizadas, ou re-valorizadas dentro do novo contexto produtivo. Neste sentido é preciso estar atento para o fato de que a maioria das atividades bem sucedidas que se desenvolveram dentro desta agência de formação para mulheres, apresentam algumas características que podemos apontar como sendo gerais. A primeira delas é que a idéia do “que fazer, empreender ou aprender“ , nunca ou quase nunca parte da agência, e sim da iniciativa e idéia pessoal de cada uma destas mulheres; A segunda é que estas idéias ou habilidades estão quase sempre ligadas a fatores de alta subjetividade que sempre foram desenvolvidas de forma marginal<sup>5</sup>; Terceiro, que tais habilidades sempre encontraram local privilegiado de desenvolvimento no ambiente doméstico.

Estes cursos de formação profissional parecem privilegiar uma realidade interativa, e até motivacional. Não existe a rigidez de programas e módulos a serem inculcados, e nem mesmo os privilégios entre a comunicação em rede e a presença física dos participantes. Ambos os recursos são mobilizados. Não é por acaso que o projeto que se desenvolve desde 1998, já conseguiu fundar uma média de quarenta empresas, algumas de empreendimento bastante pessoal, como e o caso geralmente de artistas, outras com a participação de várias pessoas que inclusive empregam trabalhadores como em setores: médico, doméstico, educação de crianças e etc.

Portanto, a interação entre as mulheres que participam ocorre também no âmbito restrito aos interesses específicos. Considerando tais interesses, a agência faz a ponte entre as mulheres que na comunicação podem trocar saberes e experiências.

Este exemplo concreto de iniciativa desenvolvida em âmbito regional e por nós apontada como uma maneira de aproveitar o potencial criativo de mulheres que não podem (ou até simplesmente não querem) se dedicar em tempo exclusivo. (as acachapantes oito horas de trabalho, como se quem não trabalhasse oito horas não fossem, ou não pudessem ser criativos!) Também, é importante que se diga, segundo informações que recebemos pela responsável pelo projeto uma média de 20% das mulheres que participam destes cursos simplesmente foram “expulsas” do mercado formal de trabalho, isso considerando que a taxa de desemprego em Munique bateu o índice de 7.8% no final de 2003<sup>6</sup>.

---

quarto e cinco anos, por exemplo. Isso ocorre uma vez que antes deste período as mães se dedicam em tempo integral a criação dos filhos. Já, a partir da idade de quarto e cinco anos as crianças começam a frequentar a escola em meio período (geralmente pela manhã) sendo que as mães permitem se ocupar de outras atividades que melhor lhes convenham. Contudo, estas ocupações partem da iniciativa das próprias mães dentro das atividades em que elas foram formadas, ou que simplesmente lhes agrada. Sendo que não é comum creches para período integral como acontece no Brasil, e que são comumente as mães que se ocupam de seus filhos no período da tarde, elas procuram direcionar o potencial produtivo para três ou quatro horas de trabalho dentro do que lhes garante renda e lhes agrada ao mesmo tempo.

<sup>5</sup> - Marginal com relação ao mercado de massas da grande indústria. Atividades tidas como “passa tempo“, “O que se gosta de fazer mas não garante renda ou subsistência“.

<sup>6</sup> -Considerar o inverno, pois neste período, segundo informações, sempre sobe um pouco a taxa de desemprego, uma vez que muitos trabalhos, como de construção civil, por exemplo, não podem ser realizados dada sua exposição aos auspícios do clima

Conforme se sabe o primeiro processo das mulheres entrando no mercado formal de trabalho se deu pelas portas da grande indústria. Dito de maneira simples, num primeiro momento as mulheres passam a concorrer com os homens no mercado de trabalho. Talvés uma diferença marcante ocorrida em vários momentos distintos da história acontece quando em períodos de guerra na falta de mão-de-obra, as mulheres passam a ocupar postos de trabalho tipicamente masculinos. Também quando são arregimentadas pela indústria bélica para fabricação de armas. Portanto, foi o próprio fordismo que incentivou este processo de ocupação feminina dos postos de trabalho. Mas é preciso frisar que isso acontece num primeiro momento e que os curtos períodos subsequentes foram de extrema exploração, uma vez que o mercado de trabalho passa a ser desregulamentado e flexibilizado, são as mulheres que melhor atendem a estes requisitos de flexibilização, de lidar com o inesperado, e mais do que isso, de possuírem sensibilidade para lidarem com situações inesperadas e até de risco. Mas é apenas com a crise do trabalho formal e regulado, em suma, com a crise do assalariamento fordista que as mulheres passam a integrar o mercado de trabalho com a carga cultural que as diferencia do „embrutecido trabalho masculino“ que se desenvolveu dentro das fábricas. Acreditamos que até aqui já tenha ficado suficientemente claro que esta divisão entre um tipo de trabalho masculino e outro feminino tem como intuito demonstrar como de fato, á partir do recorte de gênero, houve uma criação de cultura distinta. Neste sentido é que o trabalho se “feminiliza“, tende a tornar-se mulher, ou seja, a valorizar aspectos e sensibilidades que se desenvolveram mais no mundo feminino, e particularmente doméstico.

A *Gründer Regio M e V*<sup>7</sup>, é uma agência no âmbito da qual, este, e outros programas de qualificação profissional e de políticas para emprego e renda, atuam e se desenvolvem. O exemplo da experiência estudada em Munique reflete de maneira direta e contundente este que chamamos de “feminilização do trabalho”. É a valorização de habilidades desenvolvidas historicamente, e relegadas ao ambiente do “não produtivo” pela sociedade industrial, e que passam a serem valorizados dentro do novo contexto produtivo. São atividades tidas pela sociedade industrial como “improdutivas”, e que, portanto, dentro de um contexto civilizatório foi expurgada do ambiente masculino embrutecido da fábrica. Dentre tais habilidades, podemos citar o afeto e a comunicação de maneira ampla que foi tanto conservada quanto reproduzida muito mais pelas mulheres no ambiente doméstico do que pelos homens.

### **Qualificação profissional entre o novo e o velho**

É importante observar que este processo das mulheres entrarem no mercado de trabalho que num primeiro momento era majoritariamente masculino, já incentivado pelo taylorismo/fordismo. Por isso aqui se faz necessária uma distinção fundamental.

A força de trabalho feminina do ponto de vista da sociedade industrial e da qualificação profissional promovida por aquele modelo, era de fato menos qualificada que a masculina. Tal desqualificação aponta para os fatores subjetivos, flexíveis e móveis típicos do trabalho

---

<sup>7</sup> - *Gründer Regio: Project Manager Pane Munich – Entrepreneurship Support in Germany and the Munich Region.* Conforme apresentou Marc Jochenich, responsável pela agência que atua na região da Bavária, esta tem um perfil baste motivacional.

doméstico. No lar, na lida com doentes, com a educação dos filhos, com os velhos, ou mesmo a necessidade e disponibilidade de recursos, alimentação etc., a mulher sempre teve que lidar com o imprevisto. Ou seja, o mesmo imprevisto com o qual o método taylorista de produção buscava suplantar. Para a fábrica, o que valia era o exercício repetitivo e cronometrado de um saber que devia ser apenas executado, ou seja, o oposto do que estava reservado ao ambiente restrito, privado e doméstico do lar.

Como sabemos a ambiente doméstico e privado, como aponta Hanna Arendt (1989) é tido na modernidade como a espaço do “bem viver“ em oposição ao que acontecia na Grécia Antiga, conforme postula esta autora, em que o espaço público era valorizado como espaço da liberdade em oposição ao mundo privado do lar. Neste mesmo sentido se pode apontar que na modernidade, ou com a sociedade industrial se se preferir (ainda que ao que pensamos dentro de outras realidades históricas como a própria Grécia Antiga não devia ser diferente), mundo da fábrica, ou do “trabalho produtivo“ se comunicava com o espaço privado e doméstico numa relação de vice-versa, digamos assim. O historiador inglês Edward Thompson (1989) coloca este fator no centro da sua teoria sobre a resistência e a formação das classes trabalhadoras na Inglaterra. Postula que o fator objetivo de proximidade entre os homens (trabalhadores) no ambiente de produção fabril propiciou que eles se re-encontrassem fora dos muros da fábrica em que de fato a cultura operária e de resistência encontrava terreno livre de manifestação e re-criação: Ainda, que esta cultura voltava a operar dentro dos muros da fábrica.

Em trabalho recente, Cibele Saliba Risek (1996), levanta o fator de resistência entre os trabalhadores petroquímicos paulistas, através desta relação entre a representação que se expressa numa cultura tanto de “fora” quanto de “dentro”, por assim dizer:

Tomando de empréstimo o mundo privado associado a imagem feminina configurada por eles, os trabalhadores petroquímicos, orgulhosos de seu pioneirismo técnico, de seus postos e empregos, parecem perceber no mundo de violência simbólica e real da empresa, uma esfera colonizada pelas imagens do doméstico, do familiar, por aquilo que constitui apenas uma parte irrelevante do mundo. (Risek, 1996, p. 79)

A autora percebe por meio do depoimento destes trabalhadores, não apenas a relação entre o mundo extra e intra fábrica, mas percebe esta mesma relação em suas falas, e de maneira que arriscaríamos dizer quase inconsciente. Simbolicamente os trabalhadores colocam, conforme aponta Risek (1996) a fábrica como “madrasta”, mas quando estão para dizer bem da fábrica, a colocam com uma representação típica do mundo privado: a “mãe”. Mais do que isso, a “mãe” representa o afeto e o feminino. A fábrica é madrastra, o lar é a mãe. Deste mesmo feminino, de “feminilização do trabalho”, conforme pondera Negri (1998) que se constitui da base da nova força produtiva.

O ambiente do “fora” ou extra – fábrica, foi o mesmo que propiciou não apenas uma cultura operária “liberta” da vigilância do ambiente de trabalho, para lembrar Foucault (1977), mesmo por que como bem mostrou este autor a sociedade como um todo era contaminada, digamos assim, pela vigilância da fábrica. O que de mais importante devemos reter neste momento é que existia um mundo “fora” fábrica, ainda que saibamos que estes mundos se contaminavam e estavam em constante relação. Mas se admitirmos como o faz Thompson (1989) que o espaço de liberdade e criação desta “cultura operária” se dava mais num ambiente extra – fábrica, ainda que no mais das vezes em função das relações fabris, temos que admitir que da

relação entre estes dois mundos acaba por prevalecer a cultura, as sensibilidades e o poder de subjetividade que foram sufocados pela sociedade industrial, algo como desnecessário, e que, com a crise desta mesma sociedade, acaba figurando como das principais forças produtivas. Colocado de outra maneira e para uma maior aproximação com os eventos contemporâneos, significa dizer que a subjetivação venceu a objetivação funcional fabril; Que a complexidade e a multiplicidade se sobressai à estandarização do comportamento e dos sentidos; Que, em termos de produção o diferente prevalece sobre o igual; Quanto ao consumo, não existe mais o “padrão de consumo”.

No tocante a qualificação profissional segue esta lógica. Para ser qualificado nos termos da grande indústria, o trabalhador precisava ser despossuído de toda e qualquer habilidade, sensibilidade ou potencial adquiridos no mundo extra-fábrica. Era preciso fazer do trabalhador um mero executor de tarefas repetitivas e desprovidas de sentido, conforme aponta Gorz (2003). Para o novo perfil profissional o que se busca é exatamente ao contrário, ou seja, um trabalhador móvel, flexível e sensível que seja capaz de lidar com o imprevisto, com o inesperado. Neste sentido as clássicas colocações de Taylor ao se referir ao seu método de cientificização do trabalho que vigorou no período da grande indústria: *É preciso fazer com que o trabalhador chegue a condição do cérebro de boi*. Ou seja, o boi que tem a força para destruir seu dono, mas não têm a inteligência para saber disso.

### **Entre o mundo rural e o urbano.**

Talvés aqui se deva fazer mais uma importante diferenciação entre trabalho urbano e rural. É importante notar que o trabalhador rural, pela própria organização do trabalho, não passou pelo mesmo processo de “masculinização” do trabalhador urbano – industrial. Historicamente a organização do trabalho no campo mescla e confunde muito mais a atividade entre homens e mulheres. Este é um ponto que merece atenção especial.

Como sabemos a segmentação do mercado de trabalho por gênero se dá da forma que a conhecemos com a sociedade Industrial. Enquanto o homem era (e ainda está) “embrutecido” pela rotina da fábrica, cabia a mulher atividades domésticas, dentre as quais lavar, cozinhar, cuidar dos filhos, de pessoas velhas e de enfermos. Consideradas tais atividades num contexto histórico, permitiram que a mulher desenvolvesse habilidades diferentes das masculinas. Talvez um tema maior que mereça estudos futuros mais aprofundados se dê exatamente neste ponto, lembrando que no meio rural esta separação entre um trabalho feminino e outro masculino não foi tão clara quanto nos trabalhos industriais e urbanos. Como contempla a tradição judaica<sup>8</sup>, ou mesmo como aponta Negri (1998) em artigo, quem prepara, principalmente por meio da educação dos filhos, para a vida social, é a mulher. É a sensibilidade feminina que é passada entre gerações. Aliás, este é o contexto maior no qual podemos falar da diferença de gênero a partir da sociedade industrial.

---

<sup>8</sup> - Para a tradição judaica, ou o judaísmo, o fator de identidade e comunidade que define a condição de pertencimento é dado pela linha materna e não paterna. É a mulher que prepara, que passa de geração a geração os costumes, tradições, a cultura. É a mulher que introduz os filhos nos hábitos e costumes judaicos. Por isso é considerado judeu o filho de mãe judia e assim sucessivamente pela linha materna.



Para que não fique lacunas a este respeito é importante frisar que nos referimos mais a organização do trabalho camponês, ainda que este modelo haja um certo consenso, tratar-se de um tipo de organização de trabalho tipicamente europeu, ou seja, que sugiu e perdurou por séculos na Europa. De qualquer maneira outros tipos de organização de trabalho no meio rural e que perduram até hoje, inclusive, ou até principalmente na América Latina, geralmente voltados para economia doméstica, auto-subsistência, ou economia familiar, as características que aqui estamos tratando permaneçam.

Este tipo de organização do trabalho conforme frisamos não apresenta as mesmas características que utilizamos ao nos referir a grande indústria. Ainda que de fato existam divisões de trabalho em que se pode até mesmo considerar que as mulheres acabam trabalhando mais que os homens, o trato, a lida diária com as plantações e animais não fazem distinção precisa de gênero. Também que os auspícios aos fenômenos naturais, e os distintos períodos entre preparação da terra, plantio, trato e colheita acabam requerendo quase que indistintamente o trabalho de homens e mulheres.

Apesar deste não se constituir em tema que nos propusemos a perseguir neste trabalho, ele parece importante uma vez que o recorte de estudo sobre a qualificação profissional que desenvolvemos na nossa pesquisa, de onde de certa forma este trabalho se depreende, é no meio rural. Ainda, que a experiência estudada em Munique, bem como outros estudos realizados na região italiana do Veneto, apontam para estas características. Ou seja, regiões tipicamente rurais, (de sociedades rurais) ou pelo menos assim consideradas dentro do contexto de Estado Nacional que emergem com características distintivas dentro do velho mercado de massa.

### **Rápidos apontamentos Teóricos**

Fazemos aqui uma rápida incursão teórica que tem neste trabalho o intuito de apontar a maneira com que este tipo de trabalho antes relegado passa a integrar o circuito de valorização do capital, figurando talvés como a principal força produtiva. Antonio Negri (2001) que recupera o pensamento de Marx aponta para o fato de que havendo num segundo momento da acumulação capitalista, um fluxo de acúmulo absoluto, num primeiro momento este acúmulo era relativo, não integrava muitas das dinâmicas da vida.

Neste sentido o valor de uso deste tipo de força de trabalho integrava, segundo Marx, apenas de forma relativa o circuito do valor. Entre eles, temos, conforme aponta Negri (2001) temos:

(...) na independência da “pequena circulação” (o vínculo com a terra, a economia familiar, as tradições de “dons”, etc) (...) sobre os valores adequados à “cooperação operária” como tal, ou seja, sobre o fato de que a cooperação constitui um excedente de valor que é anterior, ou de qualquer modo irredutível à organização capitalista do trabalho, mesmo que seja recuperado por ela. (...) sobre o conjunto dos valores “históricos e morais” (diz Marx) que são continuamente renovados como carências e desejos, pelo movimento coletivo do proletariado e produzido pelas suas lutas. A luta sobre o “salário relativo” (...) (p. 60)

São estas mesmas atividades apontadas por Negri, que num segundo momento passam a integrar a sociedade do capital. Portanto o valor de uso da força de trabalho passa a ser tanto absoluto quanto irrestrito. A crise que este autor aponta portanto é crise da “medida do trabalho”, ou seja crise da “teoria do calor trabalho”.

Sendo assim, trabalho, e trabalho produtivo para brincar rapidamente com muitos recortes da velha teoria, passa a se confundir com uma série de atividades desenvolvidas e que são agora circulantes no mercado, ou seja, valorizadas pelo capital. Se as atividades das mulheres desenvolvidas no ambiente doméstico e do lar não integravam o circuito do capital, era por que de fato não havia acúmulo voltado para este tipo de trabalho. Não havia mercado e consumo para tais potenciais de subjetividade que estão ligados a sensibilidade, ao afeto e a muitos outros aspectos vitais.

### Conclusões

Neste trabalho buscamos apontar a partir de estudos realizados em Munique acerca de uma agência de formação profissional para mulheres de nível universitário, como a sensibilidade e as experiências femininas criadas e re-criadas no ambiente doméstico passam a se constituir como a principal força produtiva. Neste intento identificamos historicamente o que entendemos como trabalho feminino em relação com trabalho masculino.

Contra a idéia desta separação, apontamos que nas novas formas de produção contemporânea cada vez mais esta divisão tende a desaparecer. Tanto que as mulheres que integravam os cursos de formação profissional por nos estudado foram expulsas do mercado formal de trabalho, acabando por obter ótimos resultados depois de passarem por estes cursos de formação. Não se reintegravam no velho mercado, mas criavam um novo, com novos padrões de valor (mercado mesmo) e sociabilidade. Ainda que o caso apresentado seja apenas um deles dentro da realidade de Munique, ou da Baviera, ao que apontamos ele sugere para este fenômeno bastante contemporâneo em que trabalho deva ser conjugado no feminino. Que os homens para se reintegrarem neste novo mercado tem que antes e tudo se “feminilizarem”, evidentemente que este termo se refere ao fato de terem que se sensibilizarem. Ou para uma vez mais nas conclusões apontar as colocações feitas por Negri (1998): (...) *a produção de riqueza depende cada vez mais da produção de conhecimentos, a produção de conhecimento depende cada vez mais da produção de subjetividade, a produção de subjetividade cada vez mais da reprodução social de processos vitais ricos em relações intelectuais e valor afetivo.* (p. 05 –03)

Este trabalho apresenta a experiência estudada como fator de desregulamentação das velhas relações com o Estado. Ou seja, são os agentes produtivos, neste caso as mulheres que vão em busca duma qualificação para o que elas pensaram, gostam, tem em mente. Desta forma, o auto potencial de subjetividade e que valoriza processos de comunicação, dispensa o qualificativo discricionário de “nível universitário“. Nível Universitário é um critério colocado em principio para destacar este potencial de relação intelectual. Se no período da grande indústria o consumo da família devia ser colocado dentro da relação salarial do “pai de família“, esta relação agora se inverte, apontando inclusive para a possibilidade de um trabalho, ou atividade prazerosa vir também a ser rentosa. Sobre este fato apontamos que não se trata nem de tendência, e nem mesmo de regra, mas de possibilidade.

Conforme também ficou claro não estamos tratando da sociedade de tipo industrial, e nem mesmo entramos na discussão acerca do seu desmonte. Provavelmente o principal fator que ilustra esta afirmação, mais circunscrita é claro ao tema da qualificação, se deva ao fato de que a agência, além de ser um misto privado/público, não qualifica para o mercado formal e assalariado. Falamos em “abrir empresas”.

Assim, o “tornar-se mulher do trabalho”, em momento algum busca apontar para substituições ou relações de antagonismos que devam ser substituídas dentro do novo contexto produtivo. O “tornar-se mulher” do trabalho aponta a sensibilidade feminina considerada historicamente como fator de “pecado”, “transgressividade” que recompõe o trabalho entre homens e mulheres

### Bibliografia

- ARENDETT, H. *A Condição Humana*, Forense, Rio de Janeiro, 1989.  
 BATAILLE, G. *L'Expérience intérieure*, Gallimard, Paris, 1943.  
 COCCO, G. *A Nova Qualidade do Trabalho na Era da Informação*, (?), Rio de Janeiro (?)  
 FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, Vozes, Petrópolis, 1977.  
 GORZ, A. *L'Immatériale: conoscenza, valore e capitale*, Bollati Boringhieri, Torino, 2003.  
 NEGRI, A. LAZZARATO, M. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2001.  
 NEGRI, A. *Exílio: seguido de valor e afeto*, Iluminuras, São Paulo, 2001.  
 THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

### Revista/periódico

- HESSE, M. *Globalization, Innovation, and Regional Development: Presentation to the Latin American Members of the ALFA Programme*, University of München, Institute of Economic Geography, München, 12 January, 2004.  
 NEGRI, A. *A feminização do trabalho*, Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 14 jun. 1998. Cad. Mais 5 – 3.  
 RIZEK, C. S. *Palavras e Imagens: representações dos trabalhadores petroquímicos paulistas*, In Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 32, ano 11, out. 1996.  
 SAPIA CAMPOS, R. *Globalização e Conhecimento: aspectos para o tema da qualificação profissional âmbito dos territórios*, Munique, Alemanha, Plataforma ALFA, 2004.  
 SAPIA de CAMPOS, R. *Mondragon Unibersitate: entre Univerisidae e Formação Profissional*, Revista Urutagua, revista acadêmica multidisciplinar (CESIN\_MT/DCS?U, n. 06, Maringá – Paraná, 2005.

SAPIA, R. *Distritos italianos, la globalización del local: trabajo y calificación profesional*, In: Competitiveness and development in Europe and Latin America: learning from experience, Ca Foscari University, Venice, 2004.

### **Documentos**

-Munich, City of Knowledge, City of Munich, document Department of Labour and Economic Development, München, 2003.

-Panel News: Supportd by the Commission of the European Communities, Directorate-General Enterprise, Programme “ Innovation/SME”, published irregularly, n. 04, February, 2003.

-Panel News: Supportd by the Commission of the European Communities, Directorate-General Enterprise, Programme “ Innovation/SME”, published irregularly, n. 05, october, 2003.

### **Apresentação e Colóquios**

JOCHEMICH, M. Dipl. Geograph, PANEL Project Leader Munich, Gründer Regio, [www.gr-m.de](http://www.gr-m.de).

WENZEL, B. Projektleiterin EFFEKT, Gründer Regio M e V, [www.gr\\_m.de](http://www.gr_m.de).